

Saudades d'além-mar: patologia da transplantação entre imigrantes lusitanos em São Paulo, anos de 1930.

Ewerton Luiz Figueiredo Moura da Silva*

De acordo com os autores León e Rebeca Grinberg o fenômeno e/imigratório foi potencialmente traumático, pois esteve permeado por angústias frente às expectativas com o novo país, dor sentida pela despedida de parentes e amigos que permaneciam no país de origem e desorganização em suas vidas provocada pela mudança de ofício e residência. Em alguns casos estes fatores poderiam provocar a manifestação de transtornos mentais¹.

Tentando explorar a questão da *saudade*² como portadora da identidade portuguesa, a revista Lusitania relatou um curioso caso em fevereiro de 1929: um jovem imigrante, Agostinho Martins, residia no Brasil há muitos anos, mas não conseguiu realizar seus sonhos de riqueza e consumido pela tristeza que sentia de sua terra natal começou a desenvolver “ideias delirantes”, sendo internado em um hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro. Seu pai viajou ao Brasil para buscá-lo e quando o jovem retornou para Portugal seus sintomas de alienação mental teriam desaparecido. Segundo a revista, o imigrante enlouquecera de saudades³.

A forte tristeza que poderia se abater sobre os estrangeiros chamou a atenção de médicos e estudiosos e foi denominada de *nostalgia* – termo utilizado na literatura médica a partir do século XVII derivado dos radicais gregos *nóstos*, regresso, e *álgos*, dor física ou moral, foi cunhado em 1678 por Johannes Hofer para descrever as aflições sentidas pelos soldados suíços que serviam no exterior. Os estrangeiros acometidos por esta enfermidade apresentavam uma tristeza profunda, insônia, palpitações, taquicardia, indiferença com o meio, pensamentos fixos no desejo de regresso, inapetência,

* Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista, mestrando pela Universidade Federal de São Paulo e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

¹ GRINBERG, León; GRINBERG, Rebeca. **Psicoanálisis de la migración y del exilio**. Madri: Alianza Editorial, 1984. p.163-176.

² Estado da pessoa que está solitária e, deste isolamento, derivam a ausência, o abandono e a carência não só de pessoas, mas também de coisas necessárias e lugares desejados. Cf. VASCONCELOS, Carolina Michaëlis. **A saudade portuguesa**. Porto: Renascença Portuguesa, 1914.p. 61-62.

³ OLIVEIRA, Carla Mary da Silva. **Saudades d'além mar: um estudo sobre a imigração portuguesa no Rio de Janeiro através da revista Lusitania (1929-1934)**. 2003, 162 f. Tese (Doutorado) – curso de Sociologia, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2003.p.46-47.

emagrecimento e óbito em alguns casos⁴. O tratamento prescrito para a cura destes sintomas era o retorno, ou pelo menos sua promessa, ao país de origem.

Como entre os vários sintomas da nostalgia o que mais se destacava era a tristeza, esta enfermidade passou a ser encarada sob o âmbito da *melancolia*⁵. Esta sujeição da nostalgia à melancolia e a perda de sua nosografia própria acentuou-se no início do século XX com os rumos organicistas assumidos pela psiquiatria – como a nostalgia não conseguia ser suficientemente explicada por alguma lesão no encéfalo e parecia presa ao mundo das emoções acabou sendo banida dos manuais clínicos. Assim, o tratamento indicado pelos médicos não consistia no retorno ao país de origem, mas sim na aplicação de drogas como o láudano de Sydenham – uma tintura de ópio com açafrão, cravo e canela – destinado a combater os sintomas de melancolia.

Jurandir Freire Costa reconheceu que os psiquiatras da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) subestimavam os efeitos da patologia da transplantação sobre os imigrantes que desembarcavam no Brasil no final dos anos de 1920 e preferiam acreditar em estrangeiros voltados biologicamente para o desenvolvimento de transtornos mentais⁶.

Embora a nostalgia tenha sido desvalorizada pelos psiquiatras como critério nosográfico, uma leitura atenta aos prontuários de pacientes do Hospital do Juquery permite identificar casos de sofrimento de imigrantes ausentes de sua terra natal. Nas páginas de alguns deles, funcionários registraram a fala de determinados pacientes onde ficou explícito o desejo de retorno a Portugal.

Entre 1930 e 1939, 482 imigrantes lusos foram internados no Juquery com os mais diversos diagnósticos, mas a entrada de *melancólicos* representou 9% do total de internações perdendo apenas para *esquizofrênicos*, *portadores de sífilis cerebral* e *parafrênicos*. Em uma comparação com os dados sobre a entrada de pacientes no então

⁴ ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo. In: MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **As doenças e os medos sociais**. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012. p.111.

⁵ De acordo com Pacheco e Silva, na melancolia, ao contrário da mania, o doente se apresenta deprimido, pessimista, movimentando-se lentamente. Mostra-se, além disso, triste, acabrunhado, desanimado. Julga-se incapaz de tudo, responsável por todas as desgraças do mundo queixa-se de sensações estranhas pelo corpo, julga-se desgraçado, perdido. Nessas fórmulas não raro surgem ideias de suicídio, podendo-se verificar assassinatos. Cf. PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. **Cuidado aos psicopatas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s/d. p.40. Procedeu-se na atualização da grafia original.

⁶ COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p.131-132.

Manicômio Bombarda – sediado em Lisboa e na altura o maior hospital psiquiátrico português – a internação de *melancólicos* configura entre uma das menos frequentes abarcando 4% das entradas entre 1912 e 1938⁷. Este dado pode significar a influência da nostalgia entre imigrantes portugueses no Brasil.

O asilo – rebatizado para hospital em 1925 – do Juquery foi inaugurado em 18 de maio de 1898 após uma importante campanha, visível nos jornais da época, capitaneada pelo alienista Francisco Franco da Rocha (1864-1933) em prol de um “moderno e científico estabelecimento” que substituísse o antigo hospício paulistano da Tabatinguera. O novo manicômio do estado seguiria um modelo de asilo-colônia, ou seja, com a existência de colônias agrícolas anexas ao hospital central, no intuito de proporcionar “distrações” aos “loucos” por meio do trabalho braçal.

Entre 1890 e 1920 a cidade de São Paulo passou por um crescimento vertiginoso oferecendo, com isto, novos serviços urbanos e oportunidades de emprego que atraíram centenas milhares de imigrantes europeus, entre eles os portugueses. O processo e/imigratório foi provocado por fatores de atração e repulsão; enquanto o crescimento das cidades brasileiras despertava interesse de parte da população lusitana, as dificuldades econômicas e sociais de Portugal aumentavam, contribuindo para alimentar a sangria populacional em favor do Brasil, representada pela emigração majoritariamente constituída por homens, solteiros e analfabetos.

Este crescimento demográfico, em parte atribuído pela imigração, foi perceptível na população internada no estado de São Paulo: em 1912 eram 1250 internos, quatro anos depois 1500, e em 1928 a cifra aproximava-se dos 2000 pacientes⁸. Parte significativa do total da população do hospital era constituída por imigrantes, o que levou Leopoldino Passos, um discípulo de Franco da Rocha, a lamentar o altruísmo de lançar brasileiros loucos nas cadeias do interior para dar lugar no Juquery a imigrantes desvairados por seus “delírios de ambição” em fazer a América⁹.

⁷ SUBSECRETARIA DE ESTADO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Centenário do hospital Miguel Bombarda antigo hospital de Rilhafoles 1848-1948**. Lisboa: edição do hospital Miguel Bombarda, 1948.p.283-286.

⁸ CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo: Juquery a história de um asilo**.2.ed. Rio de Janeiro:Paz e terra,1988.

⁹ PASSOS, Leopoldino. **Porcentagem da loucura no estado de São Paulo**. 49f. Tese (Doutorado) – curso de Medicina, Faculdade de Medicina de São Paulo, 1919.p.10

O Brasil foi o grande destino da emigração portuguesa. Atraídos pelas oportunidades de trabalho e pelo sonho de riqueza que a ex-colônia ainda inspirava nas aldeias do interior de Portugal – a “nação navio¹⁰” –, milhares deixaram a pobreza que viviam no país para se aventurarem em uma vida incerta, mas recheada de promessas, no outro lado do Atlântico. O estado de São Paulo, devido a seu desenvolvimento perceptível, exerceu forte atração sobre os imigrantes de várias nacionalidades. O interior oferecia trabalho nas lavouras de café; mas a capital, seja na diversidade de empregos ou nos melhores serviços, se comparados ao interior, nas áreas da educação e saúde, representava aos olhos do português um destino ainda mais promissor.

A opção pela emigração surgia ao imigrante com um mal necessário, que tinha como consolo a promessa de ser temporário, tratava-se de buscar no Brasil uma modificação em seu estatuto social, não permitida em Portugal¹¹. Atingido o sucesso nesta empreitada sul-americana, o imigrante poderia regressar à sua aldeia natal.

A imigração para o Brasil apontava para um destino promissor, mas recheado de perdas e angústias quanto ao futuro em uma terra estrangeira. E esta pôde provocar pânico e desespero frente às mudanças exigidas no país de destino¹².

Um caso bastante instigante que pode estar relacionado ao pânico foi o de Maria quando embarcou em Portugal com destino a Santos a mando do marido já estabelecido no Brasil, durante a viagem transatlântica apresentou os primeiros sintomas de perturbação mental que não foram especificados no prontuário, mas seu comportamento deve ter se apresentado de forma agressiva já que “lembra que ficou trancada em um compartimento no vapor¹³”, quando o navio atracou foi internada por cerca de um ano pelo marido no Hospital do Juquery. Uma situação muito parecida ocorreu cinco anos antes com outra paciente que se comportava “agitada e agressiva no interrogatório,

¹⁰ JERÓNIMO, Helena Mateus. et al. A “nação-navio”: apontamento sobre emigração portuguesa e a questão de identidade nacional . In: GARCIA, José Luís (Org.). **Portugal migrante: emigrantes e imigrados**, dois estudos introdutórios. Oeiras: Celta Editora, 2000.p.11-14.

¹¹ PEREIRA, Miriam Halpern. A política portuguesa de emigração (1850-1930). In: TENGARRINHA, José. **A historiografia portuguesa, hoje**. São Paulo: Hucitec, 1999. Cap. 8. p. 183-208.

¹² GRINBERG, León; GRINBERG, Rebeca. **Psicoanálisis de la migración y del exilio**. Madri: Alianza Editorial, 1984. p.163-176.

¹³ HOSPITAL DO JUQUERY. Prontuário. Maria O. L. C., 28 anos, casada, branca, sem profissão declarada, procedente do Recolhimento das Perdizes e internada em 13 de agosto de 1938.

chegava a chorar¹⁴, seu marido atribuiu tal comportamento à recusa de sua esposa em embarcar da Europa para o Brasil.

Outra paciente, também chamada Maria, quando foi internada no Juquery em fevereiro de 1933 queixava-se pela forte tristeza que sentia desde que emigrou para o Brasil na presença de seu único filho¹⁵. Nem mesmo na companhia de um ente tão próximo inibia a insatisfação com as dificuldades de adaptação em uma terra estrangeira

Assim, desejo de regresso ao país de origem não pareceu ligado apenas aos mais jovens, imigrantes residentes há anos no Brasil e, supostamente, adaptados também nutriam o sonho de retornar a Portugal e quando este objetivo não era alcançado com o passar dos anos poderia desencadear algum tipo de transtorno:

En otros casos hay un primer período aparentemente libre de conflictos y trastornos, hasta que al cabo de un par de años se produce el desmoronamiento y se instala el cuadro psicótico predominantemente en forma de un estado depresivo o fronterizo “postergado” (aunque también puede asumir otras formas clínicas), o bien como una enfermedad somática (úlceras gástricas, cáncer, infarto de miocardio, etc.) que equivaldría a lo que podríamos denominar una “psicosis del cuerpo”.

Una explicación acerca del porqué aparecen estos padecimientos “postergados” puede residir en el hecho de que surgen cuando se pierde la fantasía de la migración transitoria, con la esperanza de un pronto retorno, y se va adquiriendo paulatinamente la convicción profunda, y para algunos desgarradora, de que la pérdida y el desprendimiento son definitivos e irreversibles¹⁶.

As supostas facilidades de adaptação encontradas pelo português no Brasil devem ser relativizadas, em seu estudo Herbert Klein mostrou que quando contraíam matrimônio, os lusos procuravam mulheres conterrâneas, sendo sua tendência para endogamia apenas superada pelos japoneses. O que surpreendeu o autor, atendendo à identidade linguística com os brasileiros e a forte predominância de indivíduos masculinos entre os imigrantes¹⁷.

As razões para imigração portuguesa no Brasil residiam, essencialmente, no foro econômico. Os imigrantes contemplavam o enriquecimento rápido na rica e afamada ex-colônia, mas quando este doce sonho era substituído pela amarga realidade da pobreza,

¹⁴ HOSPITAL DO JUQUERY. Prontuário. Maria M., 35 anos, casada, branca, sem profissão declarada, procedente de São Paulo e internada em 8 de janeiro de 1931.

¹⁵ HOSPITAL DO JUQUERY. Prontuário. Maria R. R., 36 anos, viúva, branca, profissão não declarada, procedente de São Paulo e internada em 16 de fevereiro de 1933.

¹⁶ GRINBERG, León; GRINBERG, Rebeca. **Psicoanálisis de la migración y del exilio**. Madri: Alianza Editorial, 1984. p.175.

¹⁷ KLEIN, Herbert S. A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX. **Análise Social**, Lisboa, v.28, n.121, p.235-265,1993.

muitos se arrependiam da decisão de ter emigrado e acalentavam, muitas vezes desesperadamente, o desejo de regresso a Portugal. Jacob considerava-se um herói de guerra por ter servido no Corpo Expedicionário Português durante a participação de seu país nos campos de batalha da Bélgica e norte da França (1917-1918), terminado o conflito, emigrou para o Brasil para “ganhar dinheiro” desembarcando em Santos e subindo a pé a serra até São Paulo. Como não conseguiu melhorar de vida, escreveu para a esposa em Portugal lhe enviar dinheiro, mas sua carta não foi respondida, desesperado foi pedir ajuda ao cônsul de seu país, sendo-lhe recusado qualquer auxílio. Quando a polícia o encaminhou ao Juquery, afirmou aos médicos querer sair do hospital para não morrer no Brasil, seu último desejo foi recusado¹⁸.

Francisco deixou Portugal em 1907 e trabalhou durante anos em uma fábrica de vidros em São Paulo, acumulando recursos para um dia poder retornar. Mas uma série trágica de acontecimentos comprometeram seus planos: o falecimento de sua filha moça, a perda do emprego e a necessidade de enviar dinheiro à Europa para cobrir as dívidas de sua esposa. Para responder ao desespero tentou cometer suicídio atirando-se ao trem na estação Água Branca, tendo por isso sua mão decepada. Após atentar contra a própria vida foi conduzido ao Juquery¹⁹.

Na grande maioria dos prontuários perscrutados nesta pesquisa o imigrante, mesmo desejando o retorno à sua pátria, não conseguiu a passagem de retorno findando seus dias no interior dos muros do Hospital do Juquery. A exceção coube ao empregado da companhia de gás, João, com uma história bastante similar a de Agostinho que foi noticiada pela revista Lusitania, o imigrante foi encaminhado ao Juquery pelo “excessivo consumo de álcool” e em suas dependências protestava por não estar em um hospital, mas sim “numa casa de loucos”. Como se encontrava sozinho no Brasil, seus amigos tomaram a iniciativa de juntar a quantia necessária para custear seu regresso à Europa. Ao saber que João retornaria a Portugal, os médicos lhe concederam a alta hospitalar²⁰.

¹⁸ HOSPITAL DO JUQUERY. Prontuário. Jacob R., 45 anos, casado, branco, profissão não declarada, procedente do Recolhimento das Perdizes e internado em 25 de novembro de 1930.

¹⁹ HOSPITAL DO JUQUERY. Prontuário. Francisco B., 50 anos, casado, branco, profissão não declarada, procedente de São Paulo e internado em 21 de dezembro de 1932.

²⁰ HOSPITAL DO JUQUERY. Prontuário. João J.G., 40 anos, casado, branco, empregado da companhia de gás, procedente de São Paulo e internado em 3 de setembro de 1931.

O delírio foi considerado a forma clássica da loucura e esta concebida como uma vontade em insurreição, uma vontade ilimitada, que o poder psiquiátrico visou subjugar com a imposição de uma realidade²¹. Como escreveu Pacheco e Silva: “todo o indivíduo que imagina coisas contrárias à evidência ou a realidade dos fatos é um delirante”, delirar é afastar-se, fugir, da realidade. Refletir sobre o delírio exteriorizado pelo imigrante pode ser relevante para compreender a relação tecida por este com seu país natal e geograficamente distante.

Pessoas muito pobres imaginavam-se grandes magnatas – o chamado *delírio megalomaniaco* – este delírio poderia ser um consolo, um refúgio, diante da extrema pobreza que cercava estes indivíduos, se a realidade era dura demais para ser encarada alguns se abrigam em um mundo onde, pelos menos nele, conseguiram alcançar o sucesso desejado. Imigrantes portugueses que foram internados por julgarem-se “duques de Bragança”, “reis de Portugal” e “presidentes da República Portuguesa” foram diagnosticados como *megalomaniacos* pelos médicos. Mas, não é possível ver nestes delírios, para além dos sonhos frustrados de riqueza, uma tentativa de preenchimento do vazio representado pela pátria distante? Alguns imigrantes como Anthero que se apregoava “duque de Bragança”²², Antonio o “presidente de Portugal”²³ e Maria “filha da Rainha de Portugal”²⁴ foram representantes justamente dos mais pobres – internados no Juquery como indigentes – indivíduos que viam suas chances de retorno a Portugal cada vez mais distante e, talvez pelo delírio, buscassem uma relação de pertencimento à distante terra natal.

Procurei refletir ao longo deste texto sobre a incidência de transtornos mentais associada à experiência e/imigratória de um segmento bastante expressivo de estrangeiros que se estabeleceu em São Paulo – os portugueses. Supostamente os mais assimiláveis às terras brasileiras, os filhos de Portugal, poderiam encontrar dificuldades de adaptação.

²¹ FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**: curso dado no Collège de France (1973-1974). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.p.217-219.

²² HOSPITAL DO JUQUERY. Prontuário. Anthero A.S., 30 anos, casado, branco, profissão não declarada, procedente de São Paulo e internado em 12 de abril de 1931.

²³ HOSPITAL DO JUQUERY. Prontuário. Antonio F.M., 52 anos, viúvo, profissão não declarada, procedente de São Paulo e internado em 28 de abril de 1939.

²⁴ HOSPITAL DO JUQUERY. Prontuário de Maria R., 40 anos, casada, branca, profissão não declarada, procedente de São Paulo e internada em 14 de julho de 1939.

O processo e/imigratório foi uma experiência permeada por traumas, dor e angústia que, em alguns casos, esteve relacionada à manifestação de transtornos mentais. Embora a nostalgia tenha sido subestimada como categoria nosográfica pela psiquiatria do período, a leitura dos prontuários clínicos mostrou o sofrimento de muitos imigrantes ausentes de sua terra natal e com dificuldades de adaptação em uma cidade brasileira. Desta forma, acredito que este trabalho possa oferecer contribuições para o campo historiográfico da imigração europeia para o Brasil.

Referências bibliográficas

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **As doenças e os medos sociais**. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo: Juquery a história de um asilo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**: curso dado no Collège de France (1973-1974). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006

GRINBERG, León; GRINBERG, Rebeca. **Psicoanálisis de la migración y del exilio**. Madri: Alianza Editorial, 1984. p.163-176.

JERÓNIMO, Helena Mateus. et al. A “nação-navio”: apontamento sobre emigração portuguesa e a questão de identidade nacional . In: GARCIA, José Luís (Org.). **Portugal migrante: emigrantes e imigrados**, dois estudos introdutórios. Oeiras: Celta Editora, 2000.

KLEIN, Herbert S. A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil nos finais do século XIX e no século XX. **Análise Social**, Lisboa, v.28, n.121, p.235-265, 1993.

OLIVEIRA, Carla Mary da Silva. **Saudades d’além mar: um estudo sobre a imigração portuguesa no Rio de Janeiro através da revista Lusitania (1929-1934)**. 2003, 162 f. Tese (Doutorado) – curso de Sociologia, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2003.

PASSOS, Leopoldino. **Porcentagem da loucura no estado de São Paulo**. 49f. Tese (Doutorado) – curso de Medicina, Faculdade de Medicina de São Paulo, 1919.

SUBSECRETARIA DE ESTADO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Centenário do hospital Miguel Bombarda antigo hospital de Rilhãfoles 1848-1948**. Lisboa: edição do hospital Miguel Bombarda, 1948.

TENGARRINHA, José. **A historiografia portuguesa, hoje**. São Paulo: Hucitec, 1999.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis. **A saudade portuguesa**. Porto: Renascença Portuguesa, 1914, p. 61-62.